

DESASTRES NO IMAGINÁRIO INFANTIL: EXPRESSÃO GRÁFICA E PERCEPÇÃO DOS DANOS NO USO DE UM ESQUEMA CLASSIFICATÓRIO DE DEFESA CIVIL

Norma Felicidade Lopes da Silva Valencio

Victor Marchezini

Juliana Roversi Zago

Aline Ramos Barbosa

Mariane Tagliaferro

RESUMO

Este estudo teve como objetivo descrever e analisar sociologicamente os desenhos infantis feitos a partir dos desastres causados pelo furacão Katrina (nos EUA, em 2005) e pelo *tsunami* na Ásia (em 2004). Uma comparação é feita, tomando como base o recorte etário e a dimensão de gênero, com os elementos representados no desenho a fim identificar a existência de afinidades e/ou diferenças nas maneiras das crianças expressarem sua compreensão desses eventos. Os resultados mostram que, na dimensão etária, há quantidades comuns de elementos retratados, mas a natureza dos elementos registrados é diferente entre meninos e meninas.

PALAVRAS-CHAVE

Desenhos infantis; Representações sociais; Desastres

DISASTERS IN THE INFANT IMAGINARY: GRAPHICAL EXPRESSION AND PERCEPTION OF THE DAMAGE IN THE USAGE OF A CLASSIFICATORY SCHEME OF CIVIL DEFENSE**ABSTRACT**

This study aims at depicting and analyzing sociologically infant drawings made upon the theme of disasters caused by the hurricane Katrina (USA, 2005) and by the Tsunami in Asia (in 2004). A comparison is made, by the age and sex, with the elements represented in the drawing in order to identify the existence of affinities or differences in the ways of expressing their understanding of the events. The results show that, as to the age, there are common amounts of portrayed elements, but their very nature is differentiated between boys and girls.

KEYWORDS

Infant drawings; Social representation; Disasters

INTRODUÇÃO

Duas tragédias relacionadas às ameaças de origem natural comoveram o mundo nos últimos tempos: uma, foi o *tsunami* que, em dezembro de 2004, assolou o litoral asiático, com centenas de milhares de mortos; outra, o furacão Katrina que, em agosto de 2005, provocou devastação nos estados americanos do Alabama, Mississippi e da Louisiana. Nesta última, houve uma situação particularmente grave na cidade de New Orleans, pois o furacão engendrou o desastre secundário do colapso de diques. A inundação da área urbana e inépcia no atendimento aos desabrigados vitimaram fatalmente mais de mil pessoas com recorte étnico e sócio-econômico bem definido: negros e pobres. Ambos os desastres ocorreram num contexto tecnológico que permitiu uma cobertura sem precedentes da mídia escrita, virtual, radiofônica e televisiva, podendo ser testemunhados num tempo quase que simultâneo ao do acontecimento trágico.

Se o tempo é encurtado pela técnica, o espaço igualmente o é, porquanto o fenômeno da globalização tece um contexto cultural no qual o “lá” e o “cá” dissolvem-se, tornando identificável, próximo, pasteurizado e familiar aquilo que outrora parecia distante. As representações de mundo tendem à homogeneização e o pertencimento à aldeia global implica uma territorialização multiescalarmente integrada tanto para colher benesses como os riscos da modernidade.

Conforme analisa Giddens (1991, p.69):

“A globalização pode ser assim definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa.”

Ou Ianni (1996, p.94-98):

“Em decorrência das tecnologias oriundas da eletrônica e da informática, os meios de comunicação adquirem maiores recursos, mais dinamismos, alcances muito mais distantes. Os meios de comunicação de massa, potenciados por essas tecnologias, rompem ou ultrapassam fronteiras, culturas, idiomas, religiões, regimes políticos, diversidades e desigualdades socioeconômicas e hierarquias raciais(...) Forma-se uma cultura de massa mundial (...) A indústria cultural transforma-se em um poderoso meio de fabricação de representações, idéias, formas, sons, ruídos, cores e movimento (...) A aldeia global está sendo desenhada, tecida, colorida, sonorizada e movimentada por todo um complexo de elementos díspares, convergentes e contraditórios, antigos e renovados, novos e desconhecidos (...) desterritorializando coisas, gentes e idéias, realidades e imaginários.”

Diante do testemunho virtual de ambas as situações acima mencionadas - com recorrência das imagens e relatos referentes a tais acontecimentos - e a curiosidade frente ao catastrófico, é possível inferir que o sofrimento social havido tenha sido objeto de reflexão e indagação de crianças em idade escolar, inclusive no Brasil. Tanto no ambiente informal do domicílio como no ambiente formal da escola, explicações podem ter sido demandadas por crianças aos adultos a fim de subsidiar a construção de seus próprios pontos de vista sobre tais desastres. O “lá”, asiático ou americano, reporta eventos naturais e tipos de vulnerabilidade que fazem somar medos e incertezas ao “cá”, o ambiente de vivência mais imediata da criança brasileira: “uma onda gigante afetará a minha casa?”; “férias na praia é seguro?”; “um furacão passará por aqui algum dia?”; “ficarei sem socorro e abandonada se sofrer um desastre?”; são tipos de indagação prenes na imaginação infantil que articula os fenômenos naturais às territorialidades.

A cultura midiática, na qual se encontra grande parte dos domicílios brasileiros, sobretudo os urbanos, é o que permite à criança em idade escolar assimilar os perigos de um *tsunami* ou de um *furacão*. Mas, ao lado dessa cultura, há os perigos de origem meteorológica equivalentes no país, como o das tempestades, das quais decorrem fortes ventos, raios, granizos, enxurradas, ressacas do mar, que marcam de insegurança e incerteza o cotidiano de muitas famílias diante das condições do tempo. Ao ser exposta insistentemente à vulnerabilidade diante das forças da natureza ocorrida algures, a criança tanto pode ver reforçado seu temor de tais forças como modificar suas representações da realidade concreta local perscrutando a lógica dos desastres para adotar uma prática de prevenção.

No interior paulista, no município de São Carlos/SP, os estudantes da E.E.I.E.F. Oca dos Curumins participantes da Escola de Ciências da Oca (ECO), situados na faixa etária entre 11 e 14 anos, fazem parte da população infantil que quis compreender o processo de constituição de um desastre com os casos do *tsunami* na Ásia e do furacão Katrina, razão pela qual a equipe do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais em Desastres (NEPED)¹ foi convidada a discuti-los com o grupo, entre maio a setembro de 2005. A ECO proporciona aos alunos da 5ª a 8ª série do ensino fundamental do referido estabelecimento de ensino um espaço e tempo comuns de convivência semanal e voluntária para, fora das preocupações cotidianas com cumprimento da grade curricular, discutir temas variados. Ali, rompe-se a hierarquia das séries escolares, deixando o conteúdo do encontro em aberto para as crianças

¹ Respectivamente, os autores deste artigo.

envolvidas apresentarem idéias e submetê-las à discussão coletiva, processo no qual há constante re-apresentação e re-endossamento das mesmas, tentando-se estabilizar conhecimentos tanto quanto procurando reconstruí-los a partir de um tema extra-classe julgado, pelo grupo, como relevante.

Para o NEPED, a motivação infantil para focalizar os desastres foi uma situação ímpar para permitir a observação e análise:

a) das maneiras pelas quais os fenômenos supra foram percebidos e interpretados pelo grupo;

b) da capacidade infantil para identificar os danos havidos utilizando-se de um esquema classificatório perito que é tanto institucionalizado pela defesa civil, como de uso corrente por parte da geografia humana.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A literatura reporta que os desenhos infantis têm o potencial de favorecer a identificação dos aspectos sócio-culturais relevantes do ambiente em que a criança está inserida. A espontaneidade e transparência de sua expressão gráfica são passíveis de revelar os valores de que está imbuída, bem como os significados subjacentes ao conjunto dos signos que constituem o seu desenho, visto o processo relacional entre os elementos (GRUBITS, 2003, p. 98-99):

“O desenho (...) representa um compromisso entre suas intenções narrativas e seus meios (...) A criança não toma cuidado com a aparência visual que permite reconhecer o objeto. Fiel, antes de tudo, à sua preocupação com o significado, ela faz igualmente uso de procedimentos que vão ao encontro do realismo visual. Se um detalhe invisível permite fazer um reconhecimento melhor do objeto, ele será representado contra toda a aparência (...) o valor narrativo do desenho tem, sobretudo, um significado simbólico. Ele nos mostra a maneira como a criança, através das coisas, vive os significados simbólicos que ela lhes atribui.”

Apesar das representações serem uma tessitura comum da realidade, a qual potencializa a coesão de um ponto de vista de um grupo, não raro, há heterogeneidade e mesmo conflitos no seu interior, correspondendo às impressões subjetivas provocadas por certos fenômenos, tais como os de transformação substantiva de um espaço e de uma dinâmica social lá inserida, o que é típico de uma situação de desastre. Colocar no papel uma tradução gráfica do desastre é, para a criança, num contexto escolar, uma experiência que

permite externar impressões subjetivas – portanto, únicas – , diante de um acontecimento mobilizador. Partilhar os resultados da expressão gráfica é uma estratégia para estimular o grupo a comungar as mesmas significações procurando imagens que permitam socializar seu ponto de vista.

Em desenhos evocativos de cenários de desastres, elaborados por crianças afetadas no evento, à paisagem de destruição somam-se o delineamento de figuras humanas em situações – lugares, poses, expressões – que suscitam compaixão, medos, sentimentos de incerteza. Na referência ao *tsunami*, desenhos de crianças afetadas reportando pessoas afogando-se, árvores derrubadas, bando de pássaros em revoada afastando-se do lugar, helicópteros resgatando pessoas sobre as edificações inundadas, embarcações trafegando onde antes havia transportes automotivos e ferroviários, foram recorrentes. Seriam esses os mesmos elementos da paisagem que as crianças da Escola de Ciências da Oca (ECO) reportariam para traduzir os acontecimentos?

Para sabê-lo, propusemos a seguinte atividade, em duas oficinas distintas, a saber: 1) que cada criança fizesse seu próprio desenho sobre o desastre relacionado ao *tsunami* (1ª oficina) e ao furacão Katrina (2ª oficina); 2) após isso, o desenho referente a cada oficina foi recolhido e imediatamente distribuído, aleatoriamente, a outro colega do grupo para que o mesmo fizesse uma interpretação dos elementos da paisagem ali contidos, procurando avaliar os danos grafados a partir de um esquema classificatório pré-acordado. A estratégia de cooperação, isto é, de estabelecer a troca de desenhos entre os membros do grupo foi adotada como uma forma de romper o esforço isolado de reflexão e ação e, na interação, conferir oportunidade de partilhamento de significados para reforçar a coesão do grupo. Com a concordância de todos, incluindo do docente coordenador da ECO, passamos à atividade, com distribuição de papel em branco e lápis preto e um tempo estipulado para a atividade.

Segundo a ótica piagetiana, a partir dos 10 anos, as funções simbólicas desenvolvem-se e, entre 11 ou 12 anos, no denominado estágio operacional formal, o raciocínio abstrato calcado na lógica dedutiva – que capacita para a realização de operações baseadas em esquemas conceituais abstratos os quais permitem uma melhor percepção do espaço, tempo, causalidade e movimento além de reflexões permeadas pela criticidade – é estimulado. É nesse estágio que se encontra o grupo de estudantes da ECO. É importante salientar que, tal qual no universo adulto, o universo infantil está sujeito ao processo de coesão social por intermédio do partilhamento de representações sobre o mundo circundante,

mas também há a subjetividade de quem se expressa. A troca dos desenhos no grupo pode auxiliar as crianças a refletirem sobre essas duas dimensões da vida social expressas no conhecimento objetivo e imaginativo que partilha com as outras, semelhanças e diferenças que merecem ser respeitadas quando externadas.

O esquema classificatório referido aos desastres e apresentado sinteticamente às crianças foi o do Sistema Nacional de Defesa Civil. Sendo válido para comunicar uma representação comum do desastre no meio perito, tal esquema fraciona a realidade visível num cenário de danos e prejuízos em três tipologias distintas, a saber:

a) no que tange à natureza do objeto afetado, discerne entre elemento *ambiental*, *material* ou *humano*;

b) no concernente à responsabilidade sobre o objeto afetado, distingue entre o ente *público* e *privado*; e

c) por fim, as características do prejuízo diferem entre a perda de *fixo* e perda de *função*.

Tal esquema foi apresentado pela equipe do NEPED ao grupo da ECO, porém, substituindo a explicação da característica relacionada à perda de *função* por aquela relacionada ao *fluxo*, entendido como conceito da geografia humana na acepção que lhe atribuiu SANTOS (1985), isto é, como a dinâmica que anima a vida social numa base territorial. A razão dessa substituição deu-se em virtude do fato de, em ambos os desastres, as imagens preponderantes na mídia sobre os acontecimentos deixarem explícito que o trânsito dos grupos afetados, como ruas e praias, inviabilizou-se, senão que – como foi o caso do *tsunami* – o estar em trânsito no momento do impacto da ameaça foi a razão mesma para que alguns danos fatais ocorressem, como naufrágos em carros, trens, e pontos de ônibus, que viram reduzidas suas chances de terem sobrevivido. Numa perspectiva construtivista, partiu-se do pressuposto que, para que tais categorias de danos fossem assimiláveis e acomodadas no universo infantil, haveria que se ter em conta o seu interesse no tema, propiciando-lhe, daí, novas associações na interpretação dos fatos. Caso a criança entendesse como válida a relação entre a expressão gráfica do desenho do(a) colega que ela analisaria e o esquema classificatório apresentado, sua aprendizagem seria, provavelmente, exitosa, pois a criança

teria condições de modificar sua estrutura intelectual e sentir-se em situação favorável de aprendizagem.

Com a autorização das crianças, para finalidade de pesquisa e publicação, os originais dos desenhos, com as devidas interpretações do colega no esquema classificatório proposto, foram emprestados à equipe do NEPED/UFSCar, escaneados e devolvidos aos seus respectivos autores, em sessões da ECO em que desenhos de crianças estrangeiras que vivenciaram os desastres supra foram apresentados, permitindo-se ao grupo procurar as similaridades de seus pontos de vista desde uma perspectiva de distanciamento/vivência direta do desastre e, ainda, de diversidade cultural.

De posse dos desenhos e interpretações, foram elaboradas tabelas nas quais se verificou a quantidade e variabilidade dos elementos componentes da paisagem catastrófica pelos recortes etários e de gênero e analisou-se se houve distinções da assimilação e utilização do esquema classificatório apresentado. Doze desenhos foram obtidos no tema do *tsunami* e vinte desenhos no tema do furacão Katrina.

2. RESULTADOS OBTIDOS E DISCUSSÃO

Quando da elaboração dos desenhos relacionados ao *tsunami* na Ásia, a ECO tinha doze estudantes participantes, sendo oito meninos e quatro meninas situados entre 11 e 14 anos.

As características gerais nos desenhos do grupo são a de pessoas se afogando e em cima dos telhados procurando proteger-se da inundação.

A tabela abaixo (Tabela 1) apresenta como se distribui, por faixa etária, a variabilidade dos elementos segundo a natureza dos mesmos (ambiental, material e humano). Os dados indicam significativa variabilidade de elementos ambientais retratados em todas as faixas etárias. Após esses, os elementos materiais foram os que apresentaram maior variedade. Embora o elemento humano seja o mais escassamente grafado, isso não significa ausência de sua importância, já que a figura retratada é geralmente a referência da cena de devastação, tudo o mais levando a situar os danos que lhe foi inflingido (Figura 1). Dentro do grupo, na faixa dos onze anos, para dez elementos ambientais, há apenas um elemento material enquanto que, nas faixas subsequentes de idade, os elementos materiais vão aparecendo em

maior número e diversidade, como se o lugar socialmente construído, e destruído pelo *tsunami*, ganhasse importância.

TABELA 1 – Natureza e variabilidade dos elementos retratados no desastre relacionado ao *tsunami* por recorte etário. Grupo ECO/OCA, 2005

NATUREZA DO ELEMENTO	VARIABILIDADE DE ELEMENTOS			
	11 ANOS	12 ANOS	13 ANOS	14 ANOS
AMBIENTAL	10	6	9	8
MATERIAL	1	3	8	4
HUMANO	1	1	1	1



FIGURA 1- Desenho de aluno do Grupo ECO/OCA, 13 anos.

Há características únicas para cada idade: os desenhos de crianças de onze anos foram os únicos que não apresentaram prédios e casas, mas também os que lembraram-se de reportar o mar como um ecossistema com peixes; nos desenhos das crianças de doze anos, o elemento sol não foi retratado nem a inundação provocada pelo *tsunami*; aos treze, não há árvores, mas há massa de ar, cadeira, antena, embarcação e um mapa destacando a região impactada; aos catorze, um carro aparece entre os destroços. Quando se observam os desenhos obtidos pelo recorte de gênero, tanto meninas quanto meninos retratam variados elementos ambientais (sol, onda, coqueiro, árvore, nuvem etc) e materiais (prédios, casas, carros, embarcações, cadeiras de praia etc), mas a diversidade dos elementos retratados pelos meninos é maior (Tabela 2). Os meninos retratam nove elementos ambientais e oito materiais enquanto as meninas retratam seis ambientais e quatro materiais, sendo que, em média, os meninos retrataram 14,25 elementos em geral e as meninas 7,5 elementos. As características únicas dos desenhos femininos dizem respeito ao carro enquanto que nos desenhos dos

meninos são os guarda-sóis, cadeira de praia, embarcação, peixe, uma prancha de surfe, um mapa e o maremoto propriamente dito.

TABELA 2 – Natureza e variabilidade dos elementos retratados no desastre relacionado ao *tsunami* por recorte de gênero. Grupo ECO/OCA, 2005

NATUREZA DO ELEMENTO	VARIABILIDADE DE ELEMENTOS	
	MASCULINO	FEMININO
AMBIENTAL	9	6
MATERIAL	8	4
HUMANO	1	1

Tanto meninos quanto meninas, indistintamente da faixa etária, associaram o elemento humano a uma fala que expressasse um ponto de vista sobre o acontecimento do impacto do *tsunami* no cenário. Por vezes, é um ponto de vista humano atribuído a um elemento não humano da paisagem, como peixes (“Legal! Hidromassagem!”) que, por estar no seu *habitat* natural, não seriam vulneráveis e até se “divertiram” com as ondas mais fortes. Embora os meninos apresentem desenhos com maior quantidade de elementos, a forma como se dá a representação qualitativa do dano ao elemento humano pode revelar aspectos importantes em relação ao gênero. Nota-se que os meninos e as meninas apresentam uma média semelhante de elementos humanos retratados em situação vulnerável (1,75 e 1,25 , respectivamente). Pessoas são retratadas no contexto da praia, no mar ou em edificações. Porém, nos desenhos femininos, o único contexto em que as pessoas apareceram foi no da praia, tomando-as como em situação vulnerável. Nos demais contextos (no mar ou em edificações), elas não retrataram o elemento humano, o que ocorreu nos desenhos masculinos os quais têm, ainda, a característica de retratar pessoas em situação não-vulnerável: os meninos apresentam, em média, 4,25 elementos humanos grafados nessa situação enquanto que nos desenhos femininos, a média cai para zero. Dos doze desenhos obtidos nesta oficina, nove são acompanhados de expressões de medo e pânico (Ahhh! SOCORRO!) embora apenas entre os meninos apareçam falas de afrontamento à onda gigante como um desafio a ser encarado como lazer ou diversão (Figura 2).



FIGURA 2- Desenho de aluno de 11 anos, Grupo ECO/OCA.

Comparando os desenhos de crianças indianas (em número de seis), apresentados posteriormente aos alunos da ECO/OCA², e os seus próprios desenhos (em número de doze), o grupo reconheceu que houve uma distinção da forma de retratação do cenário, dos elementos humanos e demais elementos da cena. Nos desenhos das crianças indianas barcos em trilhos, trens descarrilados, símbolos sagrados aos pés das casas inundadas, riquixás de ponta cabeça, elementos materiais da cultura nativa e cotidiana indiana, cuja danificação ou destruição não foi foco da mídia (que favoreceu as perdas sofridas pelos turistas) não aparecem nos desenhos das crianças brasileiras do grupo da ECO/OCA, denotando que sua composição, ainda que variável nos elementos gráficos, estava referida a uma interpretação hegemônica dos fatos havidos, adotando uma perspectiva similar àquela que os meios de comunicação veicularam. O esquema classificatório apresentado ao grupo permitiu a análise comparada das situações expressas graficamente nos seus desenhos e nos desenhos indianos apoiando, no grupo, a idéia de que as perspectivas em torno do desastre poderiam ser diversas.

Passando para os desenhos sobre o tema do desastre relacionado ao furacão Katrina, observou-se que, na maioria dos desenhos, o furacão descreve uma rotação em sentido horário, da esquerda para a direita, o que não condiz com o movimento desse fenômeno no Hemisfério Norte. Isso talvez se deva à pouca importância do sentido da rotação frente ao movimento em si, quando o funil, ao tocar o solo, carrega pessoas e objetos e desarruma a paisagem. É como se os desenhos expressassem a seguinte concepção: não importa de onde vem e para onde vai, importa o que tais furacões são capazes de fazer (figura 3).

² Trata-se de desenhos obtidos diretamente das crianças indianas afetadas através da PhD Carla Prater, pesquisadora do Hazard Reduction and Recovery Center da Texas A & M University e cedidos para a atividade.



FIGURA 3 – Desenho de aluna do grupo da ECO/OCA, 11 anos.

Frente ao fator de ameaça, a localização de cada indivíduo/elemento contribui para que seja entendido como em situação de vulnerabilidade ou não. Daí, desenhos com a antropomorfização de prédios aflitos com um possível impacto do furacão e, com pernas e pés, se porem em rota de fuga.

Em relação aos danos, nota-se uma ênfase maior nos danos materiais, com uma expressiva redução no número de pessoas desenhadas comparado com os desenhos do *tsunami*, em que os elementos humanos já eram poucos frente aos demais elementos. Talvez, também aqui, a mídia tivesse exercido razoável influência, uma vez que, no *tsunami*, o foco da atenção foi para o elevado número de mortes e no Katrina foi para a perda material, principalmente dos bens privados, sobretudo edificações.

Os desenhos demonstram que as crianças do referido grupo compreendem que, no momento do desastre, ocorre um "rearranjo" nas funções de um determinado objeto. Por exemplo, o poste de iluminação passa a ser uma forma de proteção/segurança, na medida em que serve para uma pessoa se segurar enquanto o furacão passa e suga tudo ao redor para seu interior.

Dos vinte desenhos relacionados ao fenômeno Katrina, numa divisão etária, nove são de crianças de onze anos de idade; dois, de crianças com 12 anos; seis, de crianças de treze anos e três desenhos, de crianças com catorze anos. Numa divisão por gênero, doze desenhos foram feitos por meninos e oito por meninas.

No recorte etário, não há diferenças significativas na quantidade de elementos retratados pelas crianças. Tanto há crianças de onze anos que retratam poucos elementos no geral (5) quanto de catorze anos que o fazem (7) e, da mesma forma, há os que retratam

muitos elementos aos doze (32) como aos treze anos (26), com uma média geral de 15,35 elementos na composição do cenário. No recorte de gênero, meninos grafaram mais elementos (15,33 em média) que as meninas (12,87 em média), embora a diferença tivesse sido inexpressiva (Tabela 3).

TABELA 3 – Características etárias e de gênero da autoria dos desenhos sobre o desastre relacionado ao furacão Katrina. Grupo ECO/OCA, 2005.

Idade do desenhista	Gênero do desenhista	nº de elementos desenhados
13 anos	M	26
13 anos	M	14
12 anos	M	32
14 anos	M	7
11 anos	M	10
12 anos	M	7
13 anos	M	19
13 anos	M	11
11 anos	M	13
11 anos	M	17
14 anos	M	17
11 anos	M	11
13 anos	F	16
11 anos	F	5
14 anos	F	15
11 anos	F	11
11 anos	F	12
13 anos	F	17
11 anos	F	11
11 anos	F	16

Quando se trata, contudo, das características de quem analisa o desenho e classifica os elementos grafados, observa-se que o aproveitamento de meninas é relativamente maior em relação aos de meninos no uso do esquema classificatório proposto para identificação dos elementos danificados ou destruídos: as meninas classificaram, em média,

11,37 dos 15,12 elementos contidos, também em média, nos desenhos que lhes foram dados para analisar, um aproveitamento de 75,19%; os meninos, por sua vez, classificaram 9,33 elementos dos 13,83 havidos em média, um aproveitamento de 67,46%.

Na composição do cenário do desastre, o elemento ambiental e o humano aparecem quantitativamente de forma equivalente com, respectivamente, 52 e 55 aparições, contra 72 aparições de elementos materiais (tecnológicos) que foi a ênfase da mídia internacional sobretudo nas perdas e danos havidos na cidade de New Orleans.

Ambas as experiências, no desenho e análise do *tsunami* e do furacão, permitiram verificar que as crianças não tiveram resistência para assimilação do esquema classificatório perito no intuito de acomodar uma nova visão sobre os desastres que lhes intrigava. Tal acomodação denota que estavam abertas à superação de conceitos e esquemas classificatórios anteriores e, portanto, abertas à descoberta de novas representações do mundo vivido presencial ou virtualmente.

A análise da atividade – a partir dos desenhos produzidos, do processo de identificação de danos nos desenhos dos colegas, bem como de discussão empreendida sobre os desenhos das crianças indianas afetadas pelo desastre – permite concluir que há uma diversidade de expressões gráficas e variabilidade de elementos componentes do cenário; porém, o uso de um esquema classificatório adequado permitiu aos estudantes envolvidos compor uma compreensão da possibilidade de co-existência entre a singularidade da expressão do autor e sua convergência com as representações do grupo social no qual o mesmo se insere.

Reiteram-se as conclusões de Ramires & Guimarães (2005) ao aludirem para o fato que as crianças não desenham o que vêem, mas desenham aquilo que conhecem o que, no caso, era uma representação figurativa do desastre segundo uma memória projetada pela cultura midiática, sujeita a ser reinterpretada a cada dia, influenciada em maior ou menor grau pelos temores oriundos dos próprios riscos nos quais a criança se vê inserida no seu cotidiano. O modo de vida contemporâneo é marcado pela insegurança e incerteza, seja no risco relativo às condições do território, seja nas relações sócio-econômicas e ambientais (KAUCHAKJE *et al*, 2005), razão pela qual o tema dos desastres aparecerá cada vez mais no repertório gráfico de crianças, em especial, das diretamente expostas à situação de vulnerabilidade.

Peritos afirmam que a movimentação das placas tectônicas na Ásia engendrou a movimentação de placas por todo o globo, incluindo as Américas. O Brasil sofreu vinte sismos em 2005. O contexto de mudanças climáticas globais traz riscos para o país, como secas prolongadas, aumento da frequência de tornados, furacões e chuvas torrenciais. Tais possibilidades deveriam ampliar a preocupação pública com a introdução do tema dos desastres, de forma transversal, no conteúdo curricular no Ensino Fundamental a fim de propiciar que o corpo de conhecimento formal ao qual as crianças são introduzidas as ajude a organizar cognitivamente, quiçá emocionalmente, sua curiosidade, temores ou vivências em desastres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema das representações sociais é o que favorece entender as especificidades no processo de elaboração e difusão de imagens num nível coletivo. A intensa cobertura da mídia ao desastre relacionado ao *tsunami* ocorrido na Ásia em dezembro de 2004 e responsável por inúmeras mortes, pressupôs a introjeção coletiva de uma imagem hegemônica sobre o acontecimento assim como ocorreu com o furacão Katrina que vitimou populações no sul dos Estados Unidos.

Nas oficinas com estudantes da ECO/OCA, constatou-se que, apesar das influências oriundas das fontes comuns de acesso à informação, houve representações gráficas múltiplas desta realidade. Porém, a variabilidade não superou a concepção que os meios de comunicação elaborou e informou. Na faixa etária dos 11 aos 14 anos, embora diferenças na quantidade de elementos retratados, deve-se destacar a variabilidade dos elementos da paisagem que configuravam o desastre. Ambos os casos – do desenho do desastre relacionado ao *tsunami* e ao furacão – demonstraram que os meninos compõem com mais elementos sua paisagem que as meninas. Se, no *tsunami*, os desenhos masculinos refletem a audácia viril – retratando pessoas em posições não correspondentes a uma percepção de vulnerabilidade, mas de desafio esportivo – as meninas foram as que mais retratam o sofrimento humano e identificaram os danos no uso do esquema classificatório apresentado pelos autores.

No caso do *tsunami*, houve maior ênfase, na composição do cenário do desastre, de elementos ambientais, havendo poucos elementos humanos identificáveis, mas geralmente associados à figura de turistas. No tema do furacão, os elementos ambientais e humanos

aparecem de maneira equivalente enquanto sobressaem-se os elementos materiais (tecnológicos), tal como a mídia projetou.

Portanto, se é de interesse envolver crianças no processo de redução de desastres, não é apenas pelos desenhos em si que sejam solicitadas a elaborar, mas pelo interesse infantil àquilo que veicula, e como veicula, a mídia e na discussão das bases conceituais que ordena o mundo e lhe dá inteligibilidade é que as mesmas ver-se-ão dispostas a identificar os riscos, um passo para, quem sabe, adotar medidas de proteção civil.

REFERÊNCIAS

BORDONI, T. Descoberta de um Universo: a evolução do desenho infantil. **Linha Direta**, Belo Horizonte, v.3, n.33, dez. 2000, p.16-10.

COLL, C. et al. **O construtivismo na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: EdUnesp, 1991.

GRUBITS, S. A Casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.8, número especial, 2003, p.97-1005.

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1996.

KAUCHAKJE, S. et al. Gestão de risco em áreas urbanas degradadas: tecnologia social e política urbana. **Revista Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, Campo Grande, v.7, n.11, p. 95-102, set. 2005.

MOREIRA, A. S. Cultura midiática e educação infantil. **Rev. Educação e Sociedade**, Campinas, v.24, n.85, p.1203-1235. 2003.

RAMIRES, J.; GUIMARÃES, J. Um olhar da criança sobre o espaço hospitalar através da percepção figurativa. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v.1, n.12, p.1-28, jun. 2005.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Ed Nobel. 1985.

NORMA FELICIDADE LOPES DA SILVA VALENCIO

Docente do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar - Brasil), onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais em Desastres - NEPED.
E-mail: normaf@terra.com.br

VICTOR MARCHEZINI

Sociólogo, mestrando do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFSCar, pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais em Desastres – NEPED e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
E-mail: victor_marchezini@yahoo.com.br

JULIANA ROVERSI ZAGO

Graduanda em Ciências Sociais da UFSCar.
E-mail: ju_cso@yahoo.com.br

ALINE RAMOS BARBOSA

Cientista política, mestranda do Programa de Pós Graduação em Política da UFSCar.
E-mail: alinerab@yahoo.com.br

MARIANE TAGLIAFERRO

Socióloga e membro da equipe do NEPED/DS/UFSCar.
E-mail: maritaglia@ig.com.br